

MOVIMENTO DE INTERVENÇÃO E CIDADANIA

Relatório de actividades de 2008

A vida política nacional, a crise do sistema político e o espaço da cidadania

Após o seu lançamento e crescimento, em 2006 e 2007, o MIC teve em 2008 alguma dificuldade de mobilização a nível nacional, já que a maioria dos seus membros mais activos se foi empenhando nas diversas lutas sociais e cívicas que se acenderam em 2008, nomeadamente a luta dos professores, as lutas laborais e o combate às desigualdades crescentes em Portugal.

Foi-se tornando cada vez mais evidente o diagnóstico do “buraco negro” na esquerda apontado por Manuel Alegre em 2007.

Em Fevereiro, Manuel Alegre lança a iniciativa da Corrente de Opinião Socialista, um espaço de construção de alternativas dentro do PS. Muitos membros activos do MIC, militantes socialistas, integram a corrente, que organiza um ciclo de debates no Porto e lança uma revista digital em Lisboa.

No final de Maio Manuel Alegre lança o desafio de um diálogo entre as várias esquerdas, de que resulta a festa “Agora Aqui”, em 3 de Junho, no Teatro Trindade, em Lisboa. Esta iniciativa, em que participam socialistas, bloquistas, independentes e renovadores comunistas, e onde estão presentes muitos dirigentes do MIC vindos de todo o país, marca pela primeira vez no Portugal democrático o fim do tabu da incomunicabilidade entre as esquerdas e a consciência da necessidade de construir uma alternativa política.

O eclodir da crise financeira nos Estados Unidos e a sua transformação em crise económica e social em todo o mundo representam o fim do predomínio do neo-liberalismo. A eleição de Obama, por sua vez, transforma-se num momento de esperança sobre os novos caminhos que é preciso construir.

Em 13 de Dezembro, realiza-se na Aula Magna em Lisboa o Fórum das Esquerdas, com o tema “Democracia e Serviços Públicos”, que reúne perto de mil pessoas. Nos vários painéis participam com destaque membros do MIC, cabendo a Manuel Alegre o discurso de encerramento.

Todas estas transformações se reflectem no interior do MIC. Muitos dos seus membros interrogam-se sobre a melhor forma de aprofundar a cidadania.

Os órgãos nacionais do MIC não reúnem em 2008, à excepção da Comissão Coordenadora, que reúne em 12 de Janeiro e em 31 de Outubro. A falta de meios financeiros, a dispersão geográfica e a pouca disponibilidade de tempo prejudica uma intervenção mais continuada dos eleitos. Gera-se uma consciência crescente da necessidade de procurar formas mais expeditas de reunir os órgãos e coordenar a acção plural do movimento, em sintonia com o Presidente do Conselho de Fundadores.

Da última reunião da Comissão Coordenadora sai a deliberação de convocar a Assembleia Geral para alterar os Estatutos, por forma a conferir maior flexibilidade ao funcionamento do MIC, que deverá privilegiar cada vez mais a ideia de rede de iniciativas locais e regionais e concentrar numa Comissão Executiva nacional a dinamização e coordenação logística das tarefas associativas, procurando enraizá-las nas causas locais e mantendo como referência a figura de Manuel Alegre.

A mobilização cívica no Porto e em Lisboa

Ao longo de 2008 o MICporto destacou-se na defesa da causa da manutenção do mercado do Bolhão, sinal de uma concepção de cidade com memória e com história que não pode desaparecer perante as investidas da especulação imobiliária. O Micporto dinamizou e integrou a PIC - Plataforma de Intervenção Cívica do Porto, que lançou uma petição que recolheu 50.000 assinaturas, entregue na Assembleia da República em 28 de Fevereiro. As iniciativas continuaram, com a realização de um cordão cultural em Maio e a apresentação pública de uma proposta de reabilitação em Setembro. A Câmara Municipal do Porto acabou por ter de ceder e aceitar a manutenção do Mercado do Bolhão. Foi uma vitória da cidadania e da persistência num combate colectivo que o MICporto travou desde o primeiro dia.

Por sua vez, na capital, o movimento “Cidadãos por Lisboa”, que se reclama da democracia participativa, desenvolveu ao longo de 2008 um trabalho constante na autarquia, demonstrando que é possível a um movimento de cidadãos ser parte activa no exercício do poder local e experimentar novas formas de participação e intervenção dos cidadãos. O novo movimento de Helena Roseta em Lisboa esvaziou, de certo modo, o núcleo do MIC de Lisboa. A sede do MIC em Lisboa acabou por encerrar em Setembro, por insustentabilidade financeira.

Outras iniciativas

Em 4 de Maio, o MIC de Viana organizou um Encontro sobre “Território: Novos Usos do Solo”, em Vila Nova de Cerveira, com a presença de Helena Roseta, Américo Mendes, Cassiano Couto e Sidónio Pardal. Outras iniciativas ocorreram em diversos pontos do país com a presença de membros do MIC.

Em Coimbra, o MIC organiza dois debates, um sobre as questões laborais e o novo Código de Trabalho, com a presença de Carvalho da Silva, André Freire e Elísio Estanque, entre outros, e outro sobre a situação dos professores, com a presença de Maria do Rosário Gama e outros oradores convidados.

Em 2008, o número de membros do MIC continuou a crescer, tendo-se registado a adesão de 99 efectivos e 75 participantes, perfazendo no final do ano um total de 1.077 membros. Muitas destas adesões decorreram da visibilidade pública das causas defendidas por Manuel Alegre.

O site e a newsletter do MIC continuaram em 2008 a ser o grande instrumento de ligação entre os membros do MIC e de divulgação dos nossos combates. O número de visitas individuais do site totalizou 47.343, com um pico de 6.533 em Junho, na sequência da Festa das Esquerdas.

Conclusões

As várias experiências participativas em curso, para além do seu valor intrínseco, podem abrir caminho a outros combates à escala local, nos quais os membros do MIC poderão, de diversas formas, concretizar e alargar as metas morais e sociais da Constituição que estão inscritas na Carta de Intenções

fundadora do MIC. É nesse horizonte de esperança que apostamos para 2009, ano em que os actuais órgãos sociais do MIC terminam o seu mandato.

A todos os membros do MIC que nos acompanharam e ajudaram ao longo dos últimos dois anos, a Comissão Coordenadora exprime o seu agradecimento, certa de que o trabalho realizado envolveu grande esforço de alguns e a compreensão e solidariedade de muitos.

O dever de prestação de contas a que nos submetemos é indissociável do dever de memória por tudo o que foi feito e do dever de gratidão a todos os que, apesar das dificuldades, o tornaram possível.

A Comissão Coordenadora

João Correia

Coimbra, 7 de Fevereiro de 2009